

# dez faces



**A**driana Versiani  
**Á**lvaro Andrade Garcia  
**A**na Caetano  
**A**na Elisa Ribeiro  
**C**amilo Lara  
**C**arlos Augusto Novais  
**E**lder Mourão  
**F**abrício Marques  
**J**orge Emil  
**K**iko Ferreira  
**L**uciana Tonelli  
**M**akely Ka  
**M**arcelo Dolabela

Belo Horizonte  
março  
2007

POESIA & VIDA

## poesia & vida

Neste número do jornal *Dezfaces*, buscamos reunir uma produção poética que guardasse íntima e intensa relação com a vida. Lembrando que o impulso de fazer dessas duas instâncias vasos comunicantes já produziu muitos "desastres", a todos os criadores que beberam dessas águas turbulentas rendemos nossas homenagens. Independente do grau de exuberância, audácia ou quantidade de revezes presentes na biografia, o que aqui se encontra em jogo é a busca por um profundo sentimento em relação à vida e à poesia como sua expressão produtiva. Persistimos no desejo de romper lógicas instituídas, contribuir para a construção de novas sensibilidades, afirmar o quanto de potência crítica pode haver na operação criativa, celebrar o amor e a vida.

No tecido de versos costurado com desenhos de Fernando Cardoso, passeiam vários temas e estilos, mas o conjunto sugere algumas linhas fortes, como a indagação sobre o território da poesia e do poeta no mundo de hoje, o confronto com a esfinge devoradora da grande cidade, a expressão da perplexidade diante de nossas guerras e o transbordamento amoroso. O encarte deste número está a cargo de Álvaro Andrade Garcia, que além de ecoar esses temas em suas páginas, continua seu exercício com *palavras vitais*, dando seqüência ao número 1 do *Dezfaces*. Poesia e poeta, poesia e tempo, poesia e sonho, poesia e cotidiano, poesia e chiste, poesia e... *vida apenas, sem mistificação*. Então vamos.

Luciana Tonelli

expediente dezfaces  
expediente dezfaces

Belo Horizonte, março de 2007

### Coordenação geral

Camilo Lara e Marcelo Dolabela.

**Núcleos editoriais** Adriana Versiani, Álvaro Andrade Garcia & Luciana Tonelli, Ana Caetano, Camilo Lara, Carlos Augusto Novais, Marcelo Dolabela, Rogério Barbosa da Silva e Vera Casa Nova.

### Editores deste número

Álvaro Andrade Garcia & Luciana Tonelli.

**Revisão** Carlos Augusto Novais e Rogério Barbosa da Silva.

**Fotos capa**\_ Felipe, que batalhou pra nascer. miolo\_ Desenho a nanquim de Fernando Cardoso, 1994 (detalhes). Fotos de Glória Campos & Adriane Puresa (vídeo-poema *Ruído-ruína*), Maria Cardoso e Heloísa Madureira.

### Projeto gráfico, capa,

### direção de arte e formatação

Glória Campos e Clô Paoliello/  
*Mangá Ilustração e Design Gráfico.*

### Tiragem

1.000 exemplares  
Impresso na *Gráfica Editora  
Jornal do Comércio.*

### Contato

Rua Grão Mogol, 333 – loja 31  
Carmo-Sion - 30310-010  
Belo Horizonte – MG

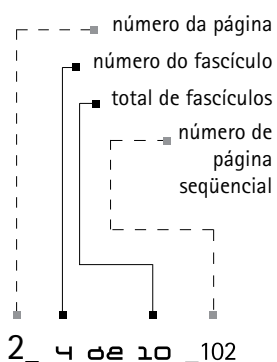
### Camilo Lara

camilara@uol.com.br

### Marcelo Dolabela

mdolabela@hotmail.com

entenda o dezfaces  
entenda o dezfaces



Qual a matéria do poema?  
A fúria do tempo com suas unhas e algemas?

Qual a semente do poema?  
A fornalha da alma com seus divinos dilemas?

Qual a paisagem do poema?  
A selva da língua com suas feras e fonemas?

Qual o destino do poema?  
O poço da página com suas pedras e gemas?

Qual o sentido do poema?  
O sol da semântica com suas sombras pequenas?

Qual a pátria do poema?  
O caos da vida e a vida apenas?

Jan 2007



já tentei todos os colírios  
pelo seu rótulo  
já acendi todos os círios  
pelo meu cálculo  
já perfumei meus próprios lírios  
sem nenhum escrúpulo  
já ensaiei todos os martírios  
até chegar ao cúmulo  
já sonhei todos os delírios  
para merecer o título

Jan 2007

poeta  
poeta

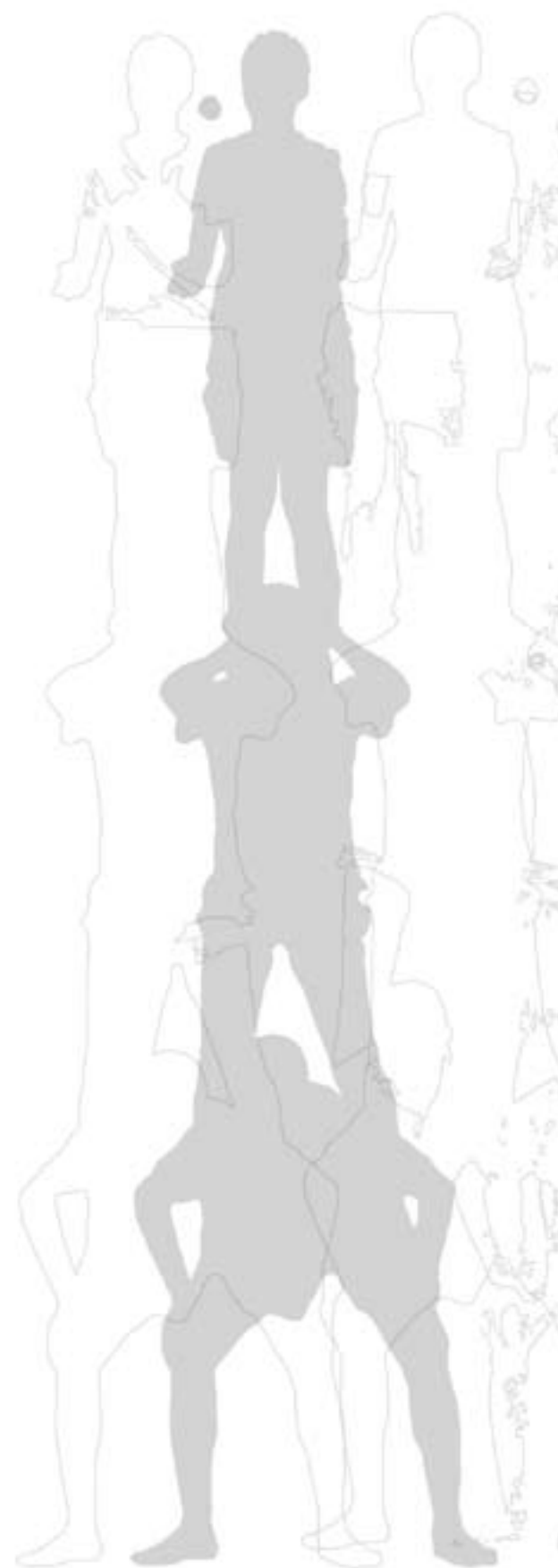


## receita contra o tédio

Palavras começadas com p

perigo  
palíndromo  
presente  
pálpebra  
pássaro  
poente  
páprica  
paladar  
pensamento  
perfume  
pupila  
pigmento  
pérola  
púrpura  
pingente  
papel  
partícula  
pretendente  
paraíso  
pergunta  
permanente  
poema  
pulsar  
profundidade  
pétala  
pavio  
posteridade  
e um pouco de pólvora  
de qualquer qualidade.

Jan 2007



os quatro invernos  
os quatro invernos

**Novais**  
Carlos Augusto

(oswaldiana à maneira de JPP)

*Infância*

Buá!

*Adolescência*

Buá!

*Maturidade*

Buá!

*Velhice*

Já!?

a vida curvou-se ante a vida  
a vida curvou-se ante a vida

(oswaldiana # 10)

2 a 7

1 a 3

A derrota de quatro

0 a 4

1 a 2

0 a 2

1 a 3

E três vivas à mesa dos fracassados.

**Emil**

Jorge

OS EXPLORADORES

## os exploradores

Um ou outro  
desce e vai só, a pé,  
pra melhor se expor ao pó  
e pisar pedras e achar perdas  
e pérolas nos percalços.  
A maioria, tão veloz,  
não sente, não vê o dia,  
não sabe, sobre rodas,  
que só existe a rota.

O ACIDENTADO

## o acidentado

Desprezo — era o seu departamento.  
Até sair ileso da capotagem.  
Apartamento, comportamento, compartimentos:  
quem quase virou reportagem,  
quem quase deixou o mundo  
arruma coragem pra deixar,  
por ora, tudo fora de lugar.  
Teve medo, e muito. Escapou  
de ficar mudo. Quer mudar.



**Marques**

Fabício

SALTO COM BARREIRAS

## salto com barreiras

de  
pó  
a  
pó  
não  
ser  
só  
pó

Sou um homem sem retrovisor.  
Por isso, ando todos os dias  
logo de manhã, nas ruas da cidade.

Pessoas pessoas pessoas  
descem e sobem, me atravessam  
Sou um homem fora da faixa

Andar, paraíso portátil sujeito a multas.  
Em cada expedição diária  
acumulo acidentes e alguns desastres

Sou um homem sem maçaneta  
Cruzando os semáforos do planeta  
Córdoba, Cádiz, Arpoador, Belvedere

Que mundo esse  
indiferente ao espetáculo  
de alguém a caminhar  
sem saber pra onde vai.

Encontro-me perdido.  
Errei de rua, errei de mim.  
Perdido, encontro-me.

Chuva fina, dia claro  
Apuro meus passos e  
vou, e não paro.

Que mundo esse  
Um dia ainda me confundem  
com um automóvel

Da série inédita *Esportes Radicais*



Emil

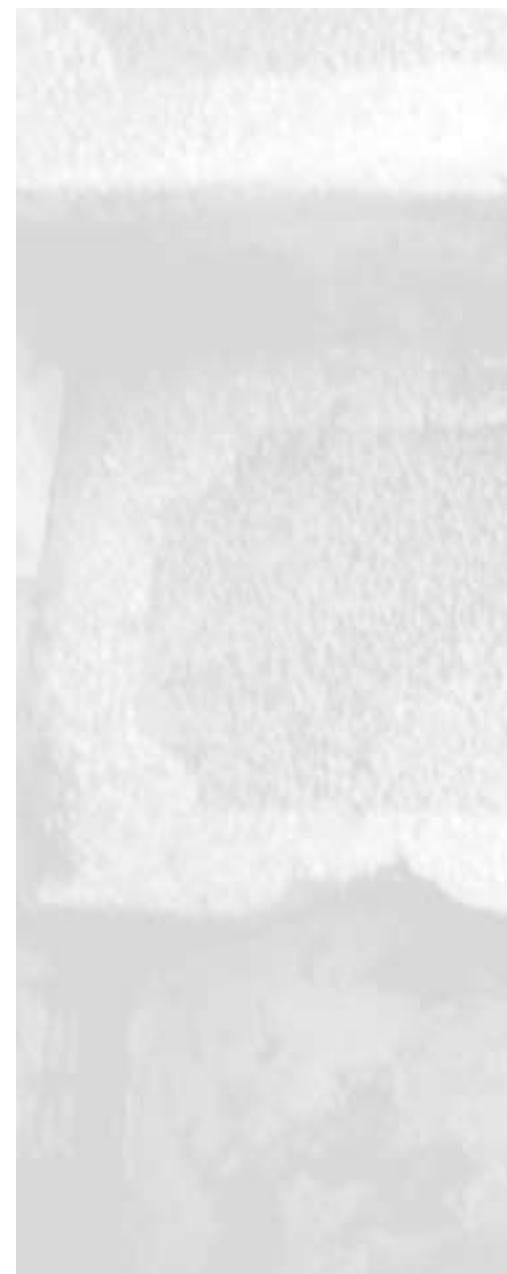
Jorge

O PERFUME

## o perfume

Afoito, andei a torto  
e a direito de um canto  
para outro, de um canto  
para outro do planeta,  
mas sempre o mesmo  
fedor de desastre  
predominando  
impregnado  
em toda parte  
me fez inferir  
que 'desde gonçaves  
dias d'antanho  
o mundo é estranho,  
inviável. Não adianta  
andar pelo mundo  
porque ele não anda:  
tresanda'. Desde então  
ando sem descanso de um canto  
para outro, de um canto  
pestilento para outro  
da varanda.

Inéditos integrantes do próximo livro do autor.





{mulher feia pobre e fedida arrasta um cobertor encardido}

*Observação número 1: Há uma lógica urbana no pouso do urubu e no flunar do aeroplano*

Centro geométrico da cidade

{ônibus quebrado, trânsito parado, asfalto, bandido}

*Observação número 2: Nem toda interferência artística de vanguarda atinge seus objetivos com sucesso, no centro geométrico da cidade*

Centro geométrico da cidade

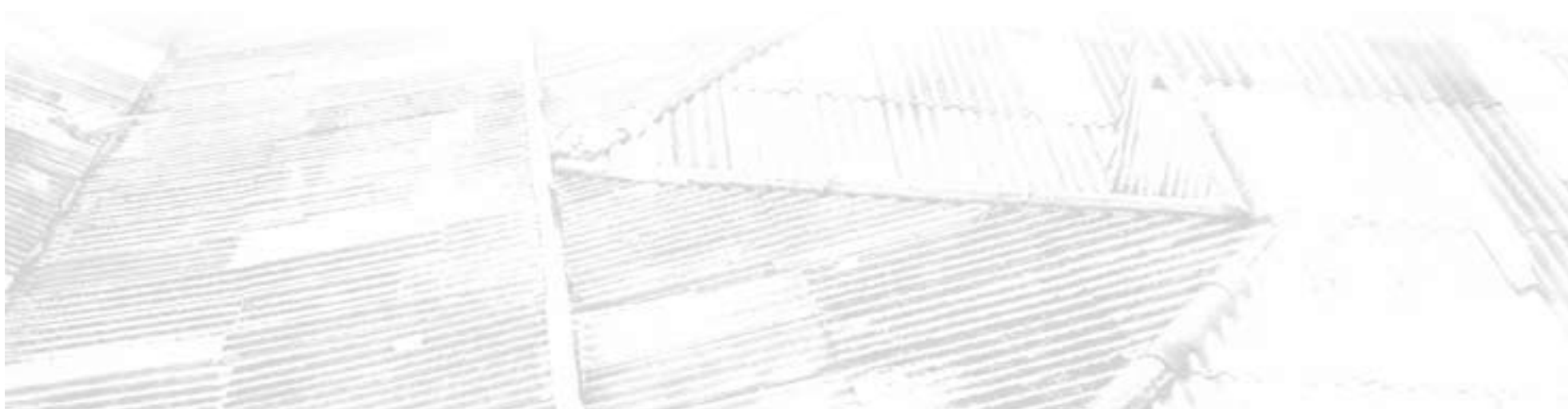
{bêbados pedintes mancos falsos meninos banidos}

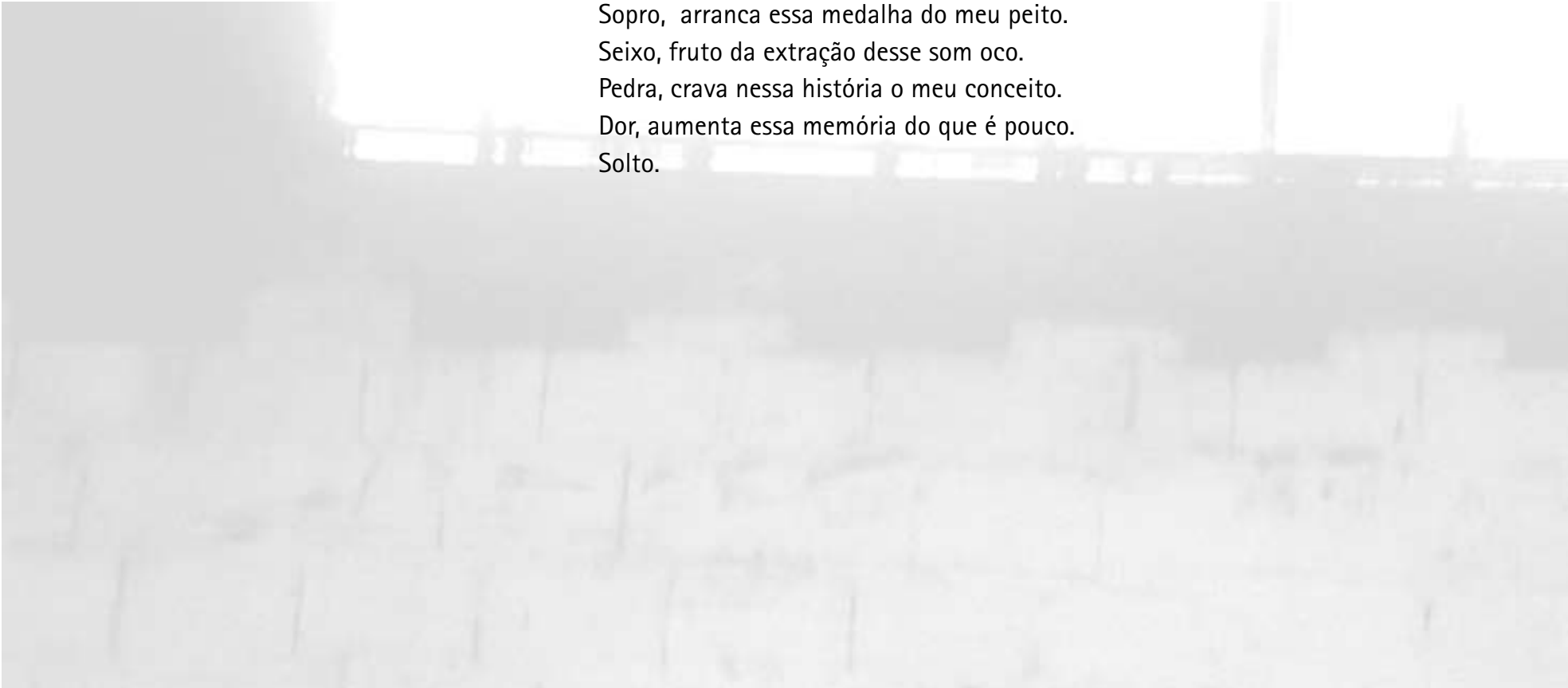
*Observação número 3: A miséria humana não é, necessariamente, uma praga urbana*

Centro geométrico da cidade

{obra monumental, cachorro morto, ódio contido}

*Observação final: Disparo olhar para todos os lados esperando encontrar beleza naquilo que vejo do centro geométrico da cidade.*





Sopro, arranca essa medalha do meu peito.  
Seixo, fruto da extração desse som oco.  
Pedra, crava nessa história o meu conceito.  
Dor, aumenta essa memória do que é pouco.  
Solto.

FAIXA DE GAZA  
faixa de gaza

O terror vinha da linha do trem  
Fui tomado por grande melancolia  
Quando diante daquela Teresina  
E de seu Serial Killer

Não sei se foi música baiana, ou poema na camisa  
Não sei se Kombi, rua, ou cúpula de igreja  
Não sei se perfume talvez, ou talvez aquela brisa

O terror caminha.

sim, meu país é a guerra

## sim, meu país é a guerra

**Dolabela**

Marcelo

sim, meu país é a guerra:  
luz que já não ilumina;  
presente que não espera  
a hora que tudo termina;

não, meu país é a guerra:  
cabeça sem aspirina;  
cérebro que desespera,  
quando dorme a retina;

vê, meu país é a guerra:  
batalha sem Hiroshima,  
onde a dor não salva quem erra;

berro que berra na narina;  
ar, meu país é a guerra:  
terra, teu nome é ruína.

Poema de 1994 publicado em *Loren Ipsus -  
Antologia poética e outros poemas*, 2006.



# poema-chiste perdido no bar la dolce vita em viña del mar

(parte final)

por quanto tempo  
não sei  
dois milênios chineses  
a fugacidade desta noite de sexta-feira  
*dedicated to the one I love*

talvez quando nosso vocabulário  
estiver extinto  
e mudos  
apagarmos as mensagens surdas

você me lê alguns poemas  
ela me adormece

um filho  
vc  
mestrado  
doutorado  
cachorro  
piano

} poesia

vamos à Cartagena  
na casa de V. Huidobro  
*birds fly over the rainbow*  
*why then*  
*why can't I*

na cama  
ouvindo *Los Fabulosos Cadillacs*  
*Revolution rock*  
*Basta de llamarme asi*

pingüins metálicos  
a *Libertador* está tão solitária hoje  
no Pier de flâmulas da Brahma  
pescadores assistem os turistas

qual o valor da moeda de *La Moneda*  
poetas nazistas  
grafites em vértebras neoclássicas  
tudo tão semelhante a Belo Horizonte

lentobus na *highway*  
a princesinha faz 50 anos  
a seleção sub-20 ganha mais um título  
reggae... reggae... reggae...

*gracias*  
*que és*  
*naranja-plátano*  
*Vapor barato* na epígrafe

Borges deixou um lembrete  
póstumo  
na porta da Biblioteca  
*bisteca en la prancha*

uma cartela de *Polaramine*  
outra de *Dramin*  
uma alameda com água contaminada  
ocarinas grávidas  
guardam  
anjos de guarda



este táxi vai pra onde  
e este metrô  
e este transatlântico  
e esse condor  
*there is a war*

não rio mais  
dos hemisférios iguais  
de nossas vidas  
*I don't hotmail you*

corredores de aeroportos  
*cumbia-cica-triz-a*  
*cueca-nción*

portas que trancam por dentro  
*nevecalor*  
ruas que servem de passarelas  
nevermore

eu também  
eu também vi meu *aleph*  
garras  
unhas  
lâminas afiadas

transparências atemporais  
torres de vidros  
negros cabelos vermelhos ao sol  
habitados pelos fantasmas da realidade

eu também  
assassino  
suicida  
o nascimento da aurora boreal  
não selo de um cartão postal

e a tristeza  
em um país distante  
em uma foto digital  
no *Bairro da Liberdade*

o horror  
e as rimas banais  
e a fila dos excluídos  
no centro financeiro da cidade

e quis incendiar os porões  
incendiar os sótãos  
os portos  
as lembranças

e vi  
na escuridão  
também  
todas as luzes

e a revolta e o ódio  
por todas as significâncias  
por todas as mentiras  
da visão

viña del mar 17/18 jan. 2007  
santiago 22/24 jan. 2007  
bhz. 1º/07 - 02/2007



## vida chiste poesia

1. (...) talvez o rústico poema de Cid seja o contrapeso exigido por um epíteto das *Éclogas* ou por uma sentença de Heráclito. O pensamento mais fugaz obedece a um desenho invisível e pode coroar, ou inaugurar, uma forma secreta. (Jorge Luis Borges. "O imortal").

2. Certa feita, questionado sobre a estrutura narrativa de seus filmes, Jean-Luc Godard comentou: "meus filmes têm *início* – *meio* e *fim*. Só que, geralmente, não estão nesta ordem". Contrariando e reforçando a idéia aristotélica que *início* é o ponto que não pede nenhuma informação anterior para sua compreensão; e que *fim* é aquele ponto que não pede nenhuma informação posterior. Grosso modo, essa definição godardiana pode ser utilizada para definir "sonho". Uma narrativa embaralhada. Que troca, que funde, que cria personagens, tempos e lógicas. Porém, se mantém narrativa.

3. Um dos lugares comuns mais recorrentes sobre o ato poético é dizer que um poema é um esforço sobre-humano. Que Deus nos dá o primeiro verso e que o resto deverá ser urdido com suor, no calor infernal de uma imensa fornalha. O que segue a esse "presente divino" (nem sempre) é algo de divina importância. Na maioria das vezes, o que se faz é uma prova cabal que o poeta (ser humano) não é a *imagem e semelhança de Deus*. O primeiro verso surge impoluto. Os demais são traições, desvios, desvãos, gagueiras, chistes e caos. Grosso modo, esse fracasso pode ser utilizado para definir o "chiste". Que surge na mais indesejável hora e no mais improvável lugar. Uma poesia embaralhada. Que destroça, que separa, que fende, que recria personagens, tempos e lógicas. Porém, se mantém poesia.

4. Assim, o "sonho" pede uma esmerada "reconstrução"; o "chiste", uma lapidada "desconstrução".

5. A poesia zanza entre esses dois territórios. Ora, se afina por um diapasão; ora, por outro. Ora, busca o sonho, a narrativa, as cosmogonias, as "epistêmes"; ora, a síntese do epigrama, a concretude da blague, o intraduzível do chiste.

6. A Modernidade, que se inicia com a "doença" romântica em oposição à "saúde" marmórea do Classicismo, e que se prolonga nas exasperações *transmodernas* de hoje, é um *tour de force* entre esses dois mundos.

7. Como o poeta, há muito, ou desde sempre, não está no epicentro do vulcão da história, margeia e combate poderes, se exila em *terras desoladas*, é perseguido nos mais obscuros porões, quase sempre, se ilude com a grandiloqüência das narrativas. Supondo que, dominando esse minotauro indomável, terá alguma oportunidade de falar no grande tribunal das grandes decisões. Erra. Esgrima com sua própria sombra.

8. E erra outra vez, quando se recusa a ser o instantâneo e volátil escrivão das coisas insignificantes. Que a quase ninguém interessa. Escrivão dos chistes da (grande e pequena) "história". Recusando a superfície abissal da vida (mais que) cotidiana e da inconstância das (nobres) consciências. Não é: por desejar ser; não é: por recusar ser.

9. Não recusa o inútil presente de Deus (o divinal primeiro verso). Quer a servidão de ser o artista-escravo da grande (e falsa) narrativa da história. Comete, assim, o seu grande erro. O seu único erro. O seu mortal erro. Transforma-se no "chiste" da grande história. E não realiza sua função de inquisidor das grandes exclusões. As insignificâncias continuarão à margem da insignificância. Sem quebrar o "chiste da história".

10. (...) creio perceber algo falso. Isso é efeito, talvez, do abuso de traços circunstanciais, procedimento que aprendi com os poetas e que tudo contamina de falsidade, já que esses traços podem ser freqüentes nos fatos, mas não na memória deles... (...) Quando se aproxima o fim, já não restam imagens da lembrança; só restam palavras. (Jorge Luis Borges. "O imortal").



## o sol do herege # 4

que somos náufragos sim não há dúvida  
sim o tempo oculta cada lição  
sabemos o nome do esquecimento  
quando o vento sopra sem direção

mar aberto dentro de mar aberto  
água sem margem mas assim prisão  
rezemos pois que nossos pesadelos  
nos livrem desta comiseração

porém nem de antes sabemos nem como  
caímos neste mar de vasta sombra  
vendo a noite e sua eterna agonia

e assim vamos sem oração sem rumo  
escrevendo em sal e água nossa obra  
crentes que fazemos só poesia.

Poema de 1991, publicado em *Loren Ipsus - Antologia poética e outros poemas*, 2006.

poema feito de citações  
partidas e chegadas

ou melhor: uma palavra  
transparente em sua orla

vida que esconde outra  
um texto: uma insígnia

e no entanto, é preciso.



# lá onde a palavra ignorada sozinha mora

I

lá onde a palavra ignorada sozinha mora  
porém sempre lida pelos indivíduos que a maltratam  
e deleitados gemem imóveis até gozar

II

sobrevivo aos infernos incendiados sentindo o cheiro cruel das carnes queimadas  
carregadas de melancolias, virando as costas para as tardes

III

em silêncio e doloridamente entregar-me às impossibilidades de escrever,  
ao contrário de todos os dicionários viver onde a pintura não desenha a palavra cor  
doces versos gozosos

Belo Horizonte, pelos dias finais de 2006.



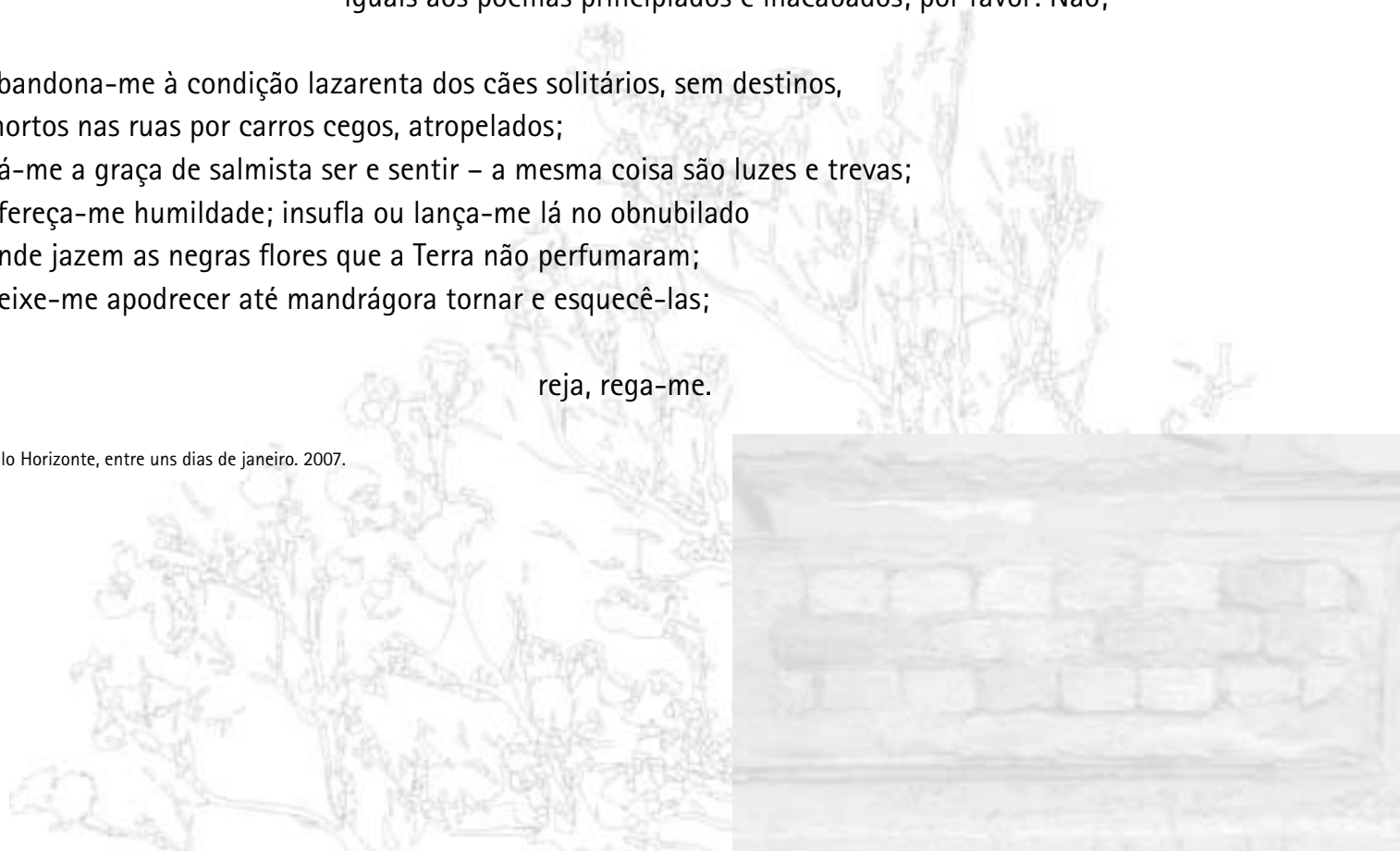
Mãe pássara derrama-me o teu pólen  
para chocar em mim as Palavras  
e eu não viva achando nunca encontrá-Las  
quando quero perder-me entre as coxas Delas – Raízes viscerais da minha Vida;

pois Deus se me quiseste fazer um dos vossos copistas  
não me suplicas mais ocultando-As em mim,  
sofro, dilacero-me, puno-me;  
criações, rancores, mágoas vis, obscuros das almas,  
exuberâncias de vermelhos dos Céus  
doçura do mergulho duma ave em direção ao mar buscando o peixe a ela oferecido;  
montanhas intransponíveis, erguidas pelo meu coração ao tentar ultrapassá-Las;  
não, não, não, não me maltrates com noites ou dias eternos,  
tampouco com os roseirais e suas primaveras ou meias-estações  
iguais aos poemas principiados e inacabados; por favor: Não;

abandona-me à condição lazarenta dos cães solitários, sem destinos,  
mortos nas ruas por carros cegos, atropelados;  
dá-me a graça de salmista ser e sentir – a mesma coisa são luzes e trevas;  
ofereça-me humildade; insufla ou lança-me lá no obnubilado  
onde jazem as negras flores que a Terra não perfumaram;  
deixe-me apodrecer até mandrágora tornar e esquecê-las;

reja, rega-me.

Belo Horizonte, entre uns dias de janeiro. 2007.



# peças de madeira em pau-marfim

A linha dos olhos  
faz flechas da cor de futuros

As mãos formam conchas  
de pegar contentamentos

Os pés são grandes como  
as telas holandesas realistas

O corpo inteiro é um tabuleiro  
de jogar jogos de azar

As costas quadriculadas  
As coxas quadriculadas  
A boca quadriculada

Onde eu me finjo  
de dama

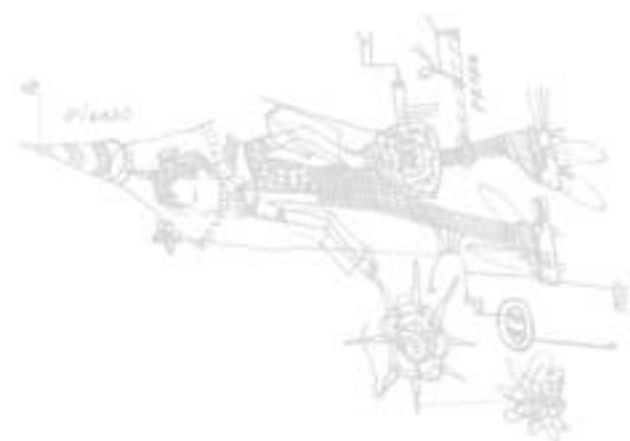


altura  
altura

do alto de você  
eu vejo tudo o que existe.  
do alto de você  
não caio, não arrisco  
não me fodo.

do alto de você  
tenho asas  
cascas, lascas e brasas.

e mesmo que eu caísse,  
subiria,  
arrastando pedras,  
pro alto de você de novo.



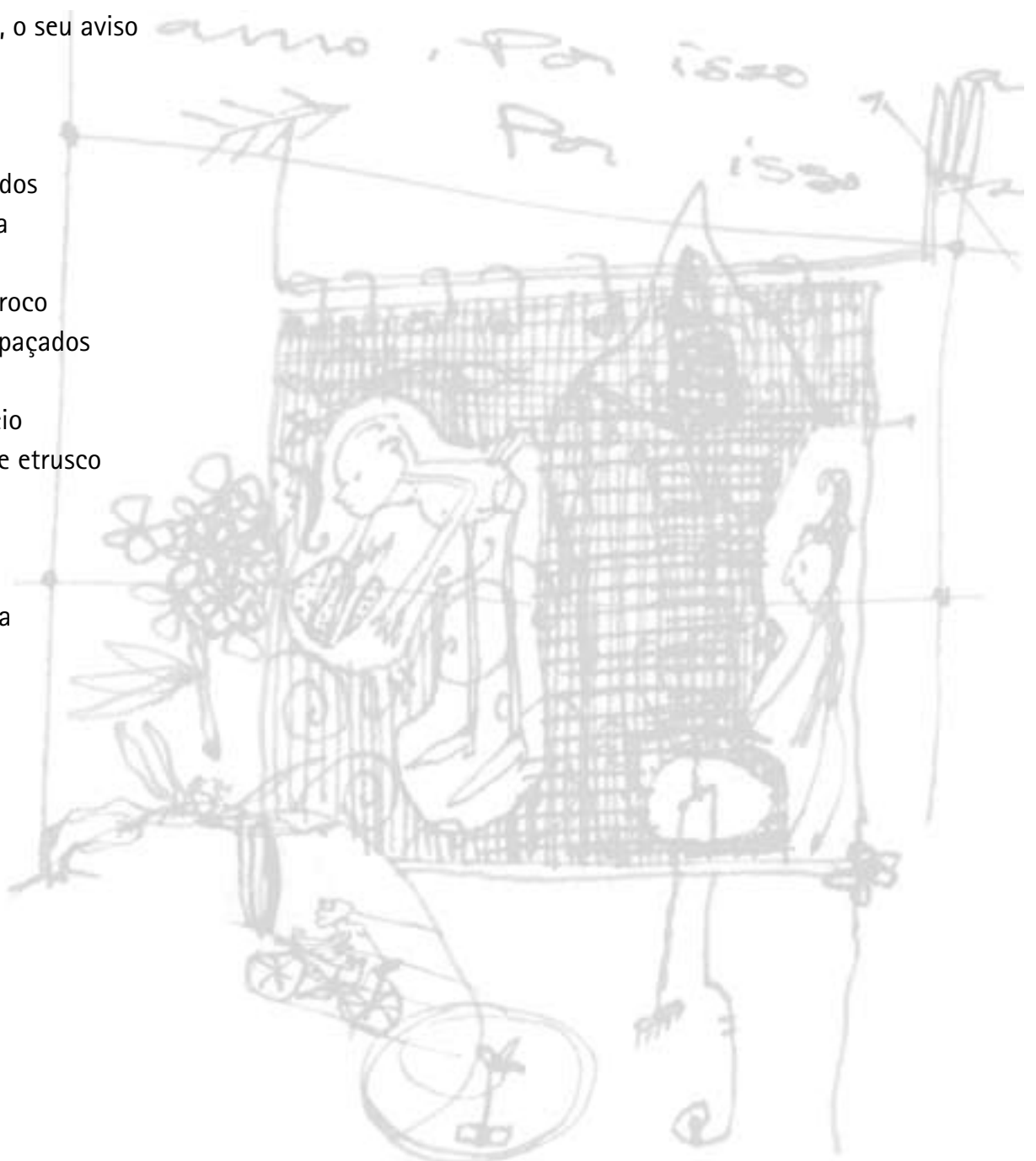
O seu cheiro de tabaco caro  
A sua lâmina de cortar assunto  
O seu andar de lamento  
A sua tocha de atear sonhos  
O seu olhar de improviso  
O seu custo, o seu preço, o seu aviso

Quando me apaixonei  
Eu era um rio  
Cheio de afluentes poluídos  
O seu amor gastou saliva  
Minha ruína em reforma  
Troquei meu destino barroco  
Por um tapete de fios espaçados

Seu perfume de prenúncio  
Sua gentileza de príncipe etrusco  
Suas mãos de alicerce

Seu sexo de imprevisto  
Desta muda aquiescência  
da sua insistência  
nasceu um talvez  
que vinga

Poemas do livro *Portáteis, no prelo.*



te lendo falar assim, tão ruidosa no empenho da caneta,  
me incomodam as onomatopéias sem freio,  
o papel no meio do barulho, o arrulho de sílabas sibilantes, o sigilo do  
silêncio do quarto cortado pelo fio da ponta da esfera gráfica  
afiada. já não ouço mais nada do ambiente. a paisagem  
tragada pelo papel. a cor céu de papel de maçã galopeia por  
minha memória. lápis de cor como rashi entre sushies de  
brutos do mar, peixes brancos entre shoyos e wasabis  
wanabees. soy loco por ti, colérica. na passagem das  
páginas, duplas asas de colibri, o vôo flácido das falácias. a  
fala fácil das animações. no caminho do meio, o abandono  
plurisolitário do e-mail. entre spams e firewires, espasmos e  
soluços de plasma. o pincel vermelho sangue tentando  
ilustrar o mangue. seus peitos entre meus lençóis.  
e minha solidão a sós nas entrelinhas.

sábio o que define em sílabas  
e pontos finais  
as paisagens.

símio o que tenta arrancar verdades  
em forma de pedras  
lapidadas.

sólido o que enfrenta  
de pena em punho  
desalinhos e arroubos.

simples o que inventa  
com o vento  
alegrias e estratégias.

cínico o que recria táticas como  
regras e mandamentos.

sôfrego o que passa a limpo sem rever  
cores e entrelinhas.

pálido: meu coração que bate  
em compasso de valsa nossos  
rocks e galopes.

120 bpms em beat de câmera lenta.  
alento e profilaxia como desculpa do desacerto.  
paixão sem ferida ou desassossego.

a história, falsa premissa  
pressa sem pressa na reza da missa

presentes etéreos  
e-mails sem destinatário, garrafas  
virtuais sem rumo, nexos e sexo.

romantismo de barco a fotonovela sem bússola e músculo.  
só se salva o que merece susto e pavio.  
o resto é a vida crua, fritando em fio sem capa  
e limite.

Poemas inéditos do próximo livro de Kiko Ferreira, *Stet*.

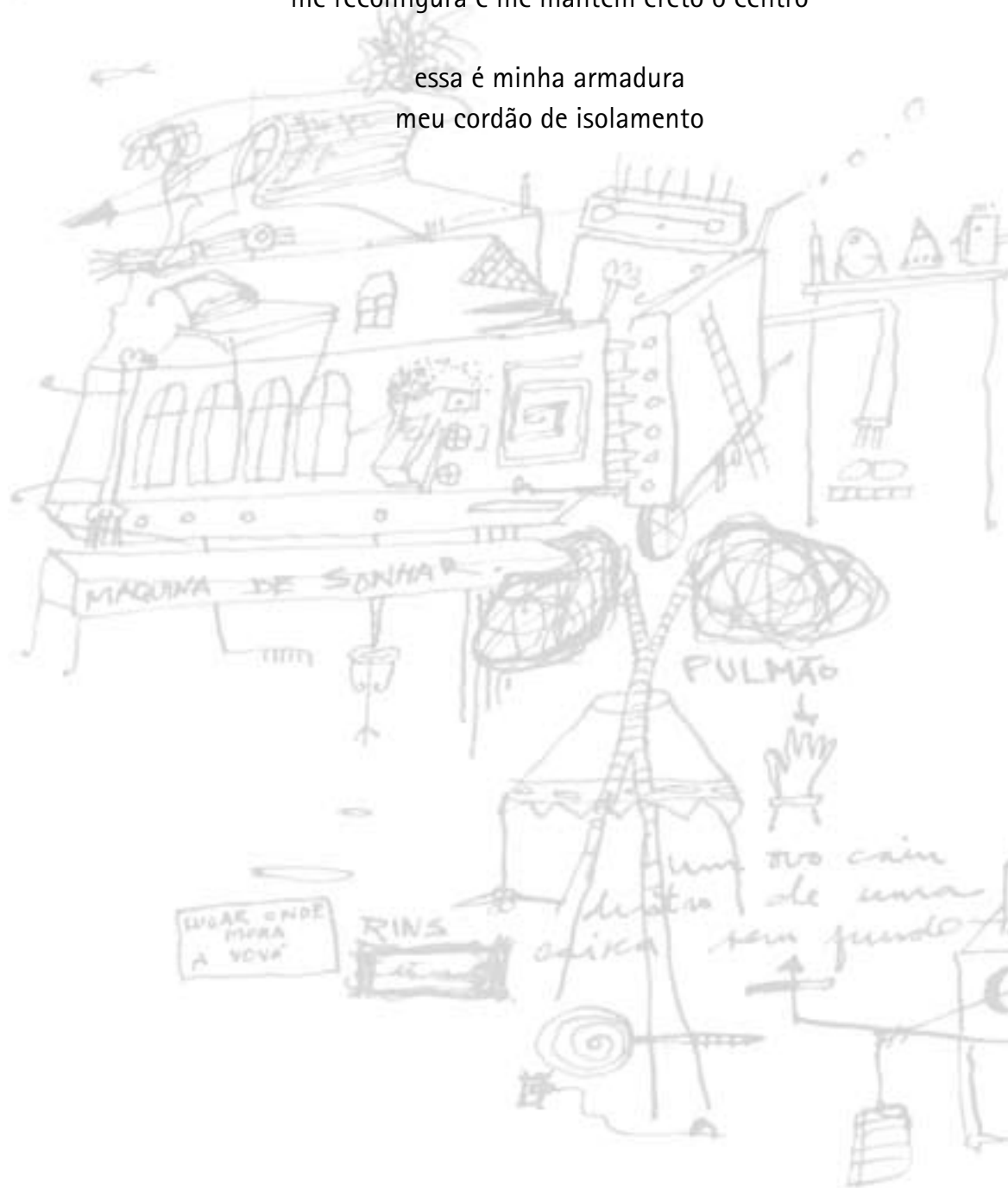




## forte abraço

na envergadura de seus braços abertos  
 entro  
 e a musculatura que me retorce e aperta  
 dentro  
 me reconfigura e me mantém ereto o centro

essa é minha armadura  
 meu cordão de isolamento



## retorno de saturno

hoje lutei contra hordas de bárbaros  
 enfrentei filas de hunos  
 sacrifiquei até o meu sábado  
 porque estou no meu retorno de saturno

amanhã vou cruzar dois desertos  
 beber da água do meu próprio sumo  
 vou de jangada pro mar aberto  
 pois ainda estarei no meu retorno de saturno

ontem quebrei todos os tabus  
 da bíblia inteira fiz um resumo  
 que barganhei com belzebus  
 foi quando entrei no meu retorno de saturno

quando percebi era cérbero  
 pisei suas cabeças com meu coturno  
 sobrevivi até no tártaro  
 no meu retorno de saturno



## endoscopia

há muitos eus dentro de mim  
uns judeus outros palestinos  
caldeus e nordestinos  
uns fariseus, uns marroquinos  
hebreus, belorizontinos  
plebeus, reis, párias e divinos

há muito deus dentro de mim  
zeus, aláh, budas e orixás  
uns prometeus uns satanáas  
uns ateus outros tanto faz

dentro do útero eu fui vários  
óvulos em códigos binários  
gerando livros ordinários  
na órbita dos meus eus imaginários  
na lógica do meu ser interplanetário

há muito som dentro de mim  
às vezes pistom, vozes, clarins  
tem melotrons tem teremins  
trompas acordeons e passarins  
bandoneons e bandolins  
quartos de tom, flautins

há muitos dons dentro de mim  
uns são bons outros são ruins  
uns mions, meio chinfrins  
uns contra com outros mais afins

dentro do útero eu fui vários  
óvulos em códigos binários  
gerando livros ordinários  
na órbita dos meus eus imaginários  
na lógica do meu ser interplanetário



Este lugar cruzamento  
onde fronteiras borradas  
onde o apagamento  
de traços e de pegadas

Este lugar ferimento  
onde com unhas e dentes  
contradições veementes  
forjam o metal dos dias

Encruzilhada de ventos  
é também lugar de encontro  
é margem e também é centro  
sou eu e também é outro

Este lugar confluência  
onde embates viscerais  
onde a fria indiferença  
mas também a empatia

Este lugar de aramados  
mas também de sementeiras  
água e madeira, imanência  
em que a vida faz-se inteira

É espaço de um desejo  
que busca bordas e beiras  
convívio à beira do fogo  
presenças pontes centelhas

É espaço de um desejo  
que dá sentido à existência  
tecendo afetos e jeitos  
aprendendo diferenças

E por mais que cercas e muros  
por mais que cabeças duras  
por mais que o Poder efetue  
mais das suas

O desejo que pulsa é o do abraço  
para além da casa e do leito  
o desejo que pulsa é o do laço  
da palavra que aquece o peito

E mesmo que carros blindados  
e mesmo que corpos-couças  
e mesmo que olhares opacos  
enxerguem aqui um nada

A imagem que surge é de vida  
de vida em nascimento  
espantosa frágil potência  
a vida em sua insistência

E embora o espaço já esteja  
inteiro cartografado  
E embora o tempo já seja  
propriedade privada

Ainda assim o desejo das margens  
da travessia  
Ainda assim o alento, sustento  
de todo dia

Alento que a violência  
só aumenta em sua urgência  
Desejo que nosso lugar  
trama inventa e reinventa e alimenta



**Adriana Versiani**

Nasceu em Ouro Preto-MG. Tem três livros de poemas publicados. Integrou o *Grupo Dazibao*, de Divinópolis/Belo Horizonte. Foi co-organizadora da coleção *Poesia Orbital*. Faz parte do conselho editorial da *Revista de Literatura ATO*.

**Álvaro Andrade Garcia**

Nasceu em Belo Horizonte, em 1961. É escritor e diretor de audiovisuais e de projetos multimídia. Tem publicados oito livros de poesia e dois de prosa. Escreveu crônicas e ensaios para imprensa. Criou e produziu videopoemas, videocrônicas, web documentários e portais na internet. Toda sua produção está disponível no site [www.ciclope.art.br](http://www.ciclope.art.br), dedicado à *poiesis* e à imaginação digital, no ar desde 2002.

**Ana Caetano**

Nasceu em Dolores do Indaiá-MG, em 1960. Publicou: *Levianas* (1984) e *Babel* (1994) com Levi Carneiro; e *Quatorze* (1997). Participou da coordenação dos projetos *Temporada de Poesia*, em 1994, e *Poesia Orbital*, em 1997; do CD *Cacograma* (2001); e foi co-editora da revista *Fahrenheit 451*.

**Ana Elisa Ribeiro**

Nasceu em Belo Horizonte, em 1975. Graduiu-se em Letras pela UFMG, onde fez mestrado e faz doutorado. É professora do Cefet-MG e assessora alguns cursos de pós-graduação. Publicou *Poesinha* (*Poesia Orbital*, 1997) e *Perversa* (*Ciência do Acidente*, 2002), além de contos em revistas no Brasil e em Portugal.

**Camilo Lara**

Nasceu em Itaguara-MG. É professor e coordenador da Seção de Atividades Culturais do Cefet-MG. Tem dois livros de poemas publicados em co-autoria. Foi um dos organizadores da coleção *Poesia Orbital* em 1997. É co-editor da *Revista Literária ATO*.

**Carlos Augusto Novais**

Nasceu em João Monlevade-MG, 1958. Poeta e professor de Filosofia e Literatura. Livros de poesia: *A de Palavra*, 1989; *alvo. S. m.*, 1997. CD de poesia: *Cacograma*, 2001 (em parceria). Participações: *Alegria Blues Banda*, 1979; *Salto de Tigre*, 1993; *Mostra Poética de Belo Horizonte*, 1994-1996; *Inferno*, 2000.

**Elder Mourão**

Nasceu em Barbacena (MG) e vive em Belo Horizonte há 25 anos. Poeta, performer, jornalista e pesquisador das relações entre artes plásticas e literatura, tem publicados os livros de poesia *LVA* (1989) e *Uma valsa para três* (1996), e a reedição de *LVA* pela *Coleção Poesia Orbital* (1997). Prêmio BDMG 1991 por ensaio sobre a poética paziana, em co-autoria com Janice Barreto. Atualmente é mestrando em Estudos Literários pela UFMG.

**Fabrizio Marques**

Nascido em Manhuaçu (MG) em 1965, vive em Belo Horizonte. Poeta, jornalista e professor universitário. Como jornalista, trabalhou em *O Tempo* e na revista *Palavra*. Foi editor do *Suplemento Literário de Minas Gerais* em 2004. Atualmente, colabora com diversas publicações no país. Publicou os livros de poemas *Samplers* (Relume-Dumarã, 2000) e *Meu Pequeno Fim* (Scriptum, 2002), o ensaio *Aço em Flor* (Autêntica, 2001), fruto do mestrado sobre Paulo Leminski, e o livro de entrevistas *Dez conversas - diálogos com poetas contemporâneos* (Gutenberg, 2004).

**Jorge Emil**

Nascido em Caratinga (MG) em 1970, vive em Belo Horizonte. Poeta, ator e diretor de teatro. Seu último personagem foi Jasão, em *Gota D'Água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes, direção de Gabriel Vilela (São Paulo, 2001). Prêmio Sesc/Sated de Melhor Ator por seu desempenho como protagonista em *Ricardo III*, de Shakespeare (1999). Em 2000, recebeu um prêmio especial pelo conjunto das peças. Publicou *O dia múltiplo* (2002) e *Pequeno arsenal* (2004), pela Bom Texto (RJ).

**Kiko Ferreira**

Poeta e letrista; crítico de música, radialista, programador e produtor cultural. Diretor artístico da Rádio Inconfidência, vice-presidente da Arpub (Associação das Rádios Públicas do Brasil). Foi diretor artístico da TV Minas, TV Horizonte e Rádio Geraes FM, entre outras atividades no meio. Crítico de música do jornal *Estado de Minas*, escreve sobre o tema há 30 anos no jornal mineiro e em outros veículos da imprensa nacional. Tem cinco livros de poesia publicados e é parceiro, como letrista, de Sérgio Moreira, Affonso, Gilvan de Oliveira e Danni Calixto.

**Luciana Tonelli**

Poeta e jornalista, atua na área de cultura e Terceiro Setor. Fez parte da equipe de edição da revista de cultura *Palavra*. Trabalhos mais recentes realizados para o Ateliê Ciclope - Arte e Publicações em Meio Digital. Publicou *Flagrantes do Poço*, coleção *Poesia Orbital* (1997), da qual também participou como organizadora.

**Makely Ka**

Poeta, músico, compositor e militante da produção independente (em seu jargão, "contra-industrial"). Vem ativando ações no campo da música e da poesia em Belo Horizonte. Lançou pela "Selo Editorial e Musical", criada por ele, o livro de poemas *Ego Excêntrico* e os CDs *Danaide* (2006), em parceria com Maysa Moura, e *A outra cidade* (2003), com Pablo Castro e Kristoff Silva. Edita a *Revista de Autofagia* com Bruno Brum. Mantém no ar o blog <http://autofago.blogspot.com>.

**Marcelo Dolabela**

Poeta, pesquisador de música e poesia brasileiras e militante da produção cultural independente e coletiva. Idealizou e co-editou diversos eventos e publicações em Belo Horizonte, entre eles o Festival Internacional de Poesia Sonora (2000), a Bienal Internacional de Poesia (1998) e a *Coleção Poesia Orbital* (1997). Roteirista, com trabalhos em parcerias com os cineastas Rafael Conde, Patrícia Moran e com a artista gráfica Glória Campos. Experimentos também em dramaturgia e arte postal, com trabalhos expostos em vários países. Principais obras: *Coração malasarte*, 1980. *Radicais*, 1985. *ABZ do rock brasileiro*, 1987. *Amônia*, 1997. *Poeminhas Et Outros poemas*, 1998. *Letrolatria*, 2000. *Batuques de limeriques*, 2005. *Lorem ipsus - Antologia poética Et outros poemas*, 2006.





**Garcia**  
Álvaro Andrade

à moda das mínimas de teo  
à moda das mínimas de teo